



MEC/IBC/DTE/DDI
ANO II
NÚMERO 12
SET/OUT 2015

BOLETIM

Centro de Estudos e Pesquisas do Instituto Benjamin Constant

Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação

Nesta edição no “**Trocando ideias**”, apresentamos a entrevista com o professor Vitor Alberto da Silva Marques tratando do ensino de História, a memória do IBC e de sua militância para a melhoria das condições para as pessoas com deficiência visual, através do radialismo, além de sua participação na Associação dos ex-alunos do IBC, pela preservação do espaço físico e pedagógico dessa instituição.

Na coluna “**Saiba mais**”, apresentamos alguns estudos de igual interesse. A pesquisadora Sylvia Lomônaco analisa os preconceitos sofridos pelas pessoas cegas e suas potencialidades; a pesquisadora Liziane Sandes aborda em seu estudo como se dá a leitura das pessoas cegas no sistema Braille. E ainda, a pesquisadora Maria Carolina Albuquerque de Azevedo enfoca as Políticas de Acesso para discentes

com deficiência visual no ensino superior.

Na coluna “**E no IBC**”, temos uma visão geral das pesquisas em andamento no instituto.

Em “**O que há de novo?**”, confira as últimas novidades tecnológicas para pessoas com deficiência visual.

Convidamos também você a visitar a coluna “**Conhecendo o IBC**”, na qual apresentamos o DTE e suas funções na engrenagem do IBC.

Fique bem informado sobre os eventos que ocorrem no IBC lendo o “**Divulgando**”. Em outubro, teremos o Simpósio de Tecnologias Assistivas.

E finalmente, no **Espaço do Leitor**, faça suas sugestões sobre os temas que gostaria que fossem abordados. Contamos com a sua participação!

TROCANDO IDEIAS

HISTÓRIA E DEFICIÊNCIA VISUAL: ENSINO, MEMÓRIA E MILITÂNCIA.

O entrevistado nesta edição é Vitor Alberto da Silva Marques, com graduação em História, bacharelado e licenciado pela Universidade Federal Fluminense, no período de 1970 a 1975; funcionário da rede de bibliotecas públicas do município do RJ, com vinculação à Secretaria Municipal de Cultura, no período de 1982 a 1988, trabalhando no apoio às pesquisas escolares dos alunos; docente concursado da rede de ensino da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, no período de 1991 a 1998. Atualmente, é docente efetivo pelo IBC, desde novembro de 1984.

Quais são as peculiaridades do ensino de História para alunos com deficiência visual?

Em princípio, o ensino de história não apresenta notadas diferenças, a não ser a preocupação em tornar a aula o mais dinâmica possível, com textos vivos e atuais, conjugados com figuras de contornos em relevo, a serem trabalhados com maior concretude.

Quais são os recursos didáticos mais interessantes para ensinar História a alunos deficientes visuais? Esses recursos estão disponíveis para os professores do IBC?

Há uma diversidade de recursos a serem empregados, nem sempre disponíveis na instituição. Alguns itens são de obtenção difícil. Exemplo: Papiros. Entre os recursos didáticos empregados, podemos ter: simulação de um jornal elaborado pelos alunos, referente à época trabalhada. Exemplo: trabalhar um tema, explorando o ambiente no Brasil Colônia. Outro recurso relevante: organizar um júri simulado, julgando um personagem ou um momento histórico com suas repercussões. Exemplo: Presidente Vargas.

Que orientações você daria a um professor de História que leciona para alunos cegos?

Evitar aulas meramente expositivas, pois são altamente desmotivadoras; manter um diálogo perma-

nente com os alunos, estimulando-os a trocar ideias com seus professores e entre eles; procurar vincular a matéria história a algumas de suas vivências cotidianas, de modo a colocar a história no circuito de suas vidas, como componente na formação da cidadania, evitando assim que essa matéria seja conceituada como uma matéria inútil para seu dia a dia.

Que trabalho você realiza em relação à preservação da memória e dos arquivos do IBC?

Esse trabalho tem se tornado bastante complexo e pouco produtivo devido à precária estrutura disponível na instituição. Contudo, dentro das limitações tem sido desenvolvido um trabalho voltado para a preservação da história oral, através do resgate de depoimentos de personalidades de grande relevância no contexto da história da instituição e do segmento das pessoas cegas e de baixa visão. Ainda há muitas lacunas a suprir, especialmente na área do museu.

Você tem experiência em radialismo. Já houve alguma ação ou projeto de radialismo no IBC? Qual a importância de um projeto dessa natureza no espaço escolar?

Desde minha época de aluno, na década de 60, havia uma rádio, na qual eu cheguei a produzir rádio novelas. Atualmente, desenvolvo um trabalho em uma rádio web, Rádio Contraponto, canal oficial da associação dos ex-alunos do IBC, na qual participo da produção de três programas: Contrapontilhando, que trata de temas relativos ao nosso segmento; Projeto Rádio, que trata do fenômeno rádio como meio de difusão de

serviços e ideias, através dos tempos, e, finalmente, Diálogos Contemporâneos, que trata de temas da atualidade. Quanto ao rádio no espaço escolar, penso que é um projeto de suma importância como

processo de interação de toda a comunidade escolar, interna e externa, que certamente beneficiaria o desenvolvimento intelectual dos alunos, estimulando seu aprendizado de forma lúdica. Esse projeto é um dos meus sonhos!


Na qualidade de pessoa cega e professor em uma instituição especializada no ensino para pessoas com deficiência visual, como você considera o papel do ledor? Como o trabalho dos ledores é desenvolvido no IBC?

Durante muito tempo, como já mencionei, fui responsável por esse serviço prestado na DAL. Penso que esse trabalho já foi importantíssimo para os estudantes cegos na leitura das diferentes matérias, ou até mesmo, de outros tipos de leitura. De dez anos para cá, o papel do ledor sofreu transformações, devido à entrada dos leitores de tela, presentes nos computadores dos quais os usuários passaram a se servir com frequência. Presentemente, os ledores passaram a exercer o papel de explicadores, em se tratando de nossa comunidade estudantil, o que não deixa de ser uma distorção.

Você faz parte de uma associação de ex-alunos do IBC. Como funciona essa associação?

A associação dos ex-alunos completa este ano 55 anos. Ficou desativada durante quase 40 anos. Suas atividades foram retomadas em 2003. Uma de suas principais finalidades é defender os interesses do segmento das pessoas cegas e de baixa visão e lutar pela preservação do espaço físico e pedagógico do IBC. Exerci a vice-presidência da associação de 2005 a 2007 e a sua presidência no período de 2007 a 2009. Hoje exerço a Presidência de seu Conselho Deliberativo, que funciona como uma espécie de poder legislativo da associação.

SAIBA MAIS


 **Pesquisador:** Sylvia Nunes José Fernando Bittencourt Lomônaco.

Título: O aluno cego: preconceitos e potencialidades.

Tipo de pesquisa: publicação na Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 14, Número 1, Janeiro/Junho de 2010: 55-64

Instituição de ensino: Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional

Este artigo analisa a cegueira, os preconceitos a ela associados e as potencialidades de pessoas cegas, especialmente do aluno cego. Salienta a ênfase dada ao sentido da visão no processo de aquisição de conhecimentos e considera os preconceitos comumente associados à capacidade de aprendizagem do cego.

 **Pesquisador:** Liziane Fernandes Sandes.
Título: A leitura do deficiente visual e o Sistema Braille.


Tipo de pesquisa: Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia com Habilitação em Anos Iniciais

Instituição de ensino: Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia.

Este estudo cujo tema é leitura do deficiente visual e o sistema Braille, surgiu do questionamento sobre em que medida o sistema Braille proporciona melhor leitura para o deficiente visual. Tem o objetivo de analisar como é realizada a leitura pelo cego e quais as potencialidades e limitações das técnicas utilizadas, destacando-se o sistema Braille. Trata-se de uma pes-



quisa qualitativa e exploratória. A escolha do tema foi devido à importância da leitura para a inclusão do deficiente visual, e da necessidade de estudar as técnicas de leituras para cegos. Na busca para responder ao problema dessa pesquisa, os autores Ochaíta e Espínola (1993), Martins e Ramírez (2003) e Telford e Sawrey (1977), foram consultados a fim de conceituar cegueira. A partir dos autores Loredo (2005), Werthein (2005) e Hoisel (1996), entre outros, procurou-se perceber e discutir a importância da leitura para cegos, assim como o histórico do Braille por Birch (1990) e a importância da leitura tátil na vida dos deficientes visuais, através de Belarmino (2004), entre outros. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo com a finalidade de confrontar e analisar as afirmações teóricas a luz das considerações dos usuários do Braille entrevistados. Na análise das informações obtidas foi discutida a importância do sistema Braille para a leitura da pessoa com deficiência visual.

 **Pesquisador:** Maria Carolina Albuquerque de Azevedo.


Título: Políticas de Acesso para discentes com deficiência visual no ensino superior: Um estudo de caso.


Tipo de pesquisa: Mestrado acadêmico.

Instituição de ensino: Universidade Federal da Paraíba / João Pessoa.


Longe de esgotar o assunto referente às dificuldades e facilidades com as quais o Discente com Deficiência Visual (DcDV) se depara para ingressar no Ensino Superior e nele permanecer até a conclusão do curso, procuramos neste estudo discutir a respeito da sua inclusão educacional e social, das políticas públicas e educacionais traçadas para viabilizar a acessibilidade física-arquitetônica, atitudinal e educacional, e a influência da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), e dos efeitos causados para um bom desempenho acadêmico e conquista da autonomia moral, intelectual e econômica do discente cego. Utilizando uma pesquisa exploratória, de caráter qualitativo, percebemos que os discentes que contaram com apoio pedagógico diferenciado no Ensino Médio tiveram maiores chances de ingressar na Universidade. Da mesma forma, os discentes que contam com o suporte na Universidade, têm maiores possibilidades de concluir seus cursos com qualidade. Esperamos com esta dissertação ter contribuído para a discussão do tema: Políticas de Acesso para Discentes com Deficiência visual no Ensino Superior: um estudo de caso, instigando o interesse dos leitores na continuidade das pesquisas.

E NO IBC?

 Tatiana Fulas, aluna do mestrado do Programa de Estudos Pós-graduação em Educação: História, Política, Sociedade da PUC SP, realiza a pesquisa intitulada “O livro acessível, a surdos e cegos: O mercado editorial e as políticas públicas”. “Considerando a importância da leitura na constituição do sujeito e de seu capital cultural, esta pesquisa tem por objetivo geral fazer um levantamento histórico das políticas públicas de compra de livros de literatura infantil e juvenil, desde seu início na década de 1980 até 2012, para compreender de que maneira se viabilizou o atendimento aos alunos com deficiência, em especial aos surdos e cegos.” A pesquisa foi realizada no IBC em julho de 2015.

 “Áudio descrição de Histórias em Quadrinhos” é a pesquisa de Nadir da Silva Machado, aluna do curso de especialização em áudio descrição da Universidade Federal de Juiz de Fora. Segundo a pes-

quisadora, esse estudo pretende “Elaborar e avaliar os roteiros de áudio descrição que permitam a fruição e apreciação da leitura por pessoas deficientes visuais.” O período previsto para a pesquisa no IBC é de julho a outubro de 2015.

 Sandra Mara Mourão Cardinali, pesquisadora de estágio pós-doutoral da área de Ensino de Ciências e Matemática da PUC-MG, realiza o projeto de pesquisa independente, intitulado “Mapa Conceitual em relevo como recurso didático adaptado para aluno deficiente visual no estudo da Célula”. Ela pretende “Desenvolver o ensino da Célula para estudantes DV a partir de conceitos fundamentais da célula (em Braille) e de representação de símbolos (caixas de texto e setas na construção do mapa conceitual tátil como recurso didático adaptado)”. O período previsto para a pesquisa no IBC é de março de 2015 a julho de 2016.

PROGRAMA QUE IMPRIME MAPAS 3D PARA CEGOS

As autoridades cartográficas do Japão anunciaram a criação de um software que permitirá baixar dados da internet e produzir, com uma impressora 3D, mapas de toda a geografia do país para cegos. A Autoridade de Informação Geo espacial (GSI), dependente do Ministério de Transporte e Infraestrutura, trabalhará na fase de desenvolvimento com especialistas de diversos terrenos para que estradas, vias de pedestres e ferrovias possam ficar bem sinalizadas no produto final.

Os dados do programa permitirão imprimir as vias em relevo com um milímetro de altura para que possam ser detectadas facilmente com os dedos.

Um professor da Universidade de Niigata que participa da criação do software explicou ao jornal que, se conseguirem introduzir características topográficas, como desníveis ou montes, estes mapas poderiam ser empregados em cursos para cegos centrados em emergências e evacuação, em caso de terremoto ou tsunami. Uma vez terminado o software, todos os dados cartográficos do Japão para criar estes mapas estarão disponíveis na Internet.

Os mapas para zonas urbanas terá um escala de 1:2.500 (ou seja, um centímetro do plano equivale a 25 metros reais), enquanto para os de zonas rurais será de 1:25.000 (um centímetro equivale a 250 metros).

O material utilizado para imprimir os mapas são pranchas de resina de 15 por 15 centímetros e com um custo de 150 ienes (R\$ 3,30) a unidade.

As impressoras necessárias para criá-los têm no Japão um preço atual entre 60 mil e 70 mil ienes (entre R\$ 1.325 e R\$ 1.545).

O GSI também explicou que mediante a popularização as impressoras 3D poderão oferecer no futuro dados para elaborar mapas de locais muito específicos.

<http://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2014/09/programa-imprime-mapas-3d-para-cegos.html>

<acesso em 27/08/2015, as 15:25>

APLICATIVO POSSIBILITA QUE CEGOS 'ENXERQUEM' ATRAVÉS DE SONS

Desenvolvido há mais de duas décadas, sistema que transforma imagem em som virou app e está disponível para iOS e Android.

Em 1992, um engenheiro holandês chamado Peter Meijer criou um algoritmo capaz de converter imagens simples, em preto e branco, em sons. O vOICe escaneia a imagem e converte pontos altos da gravura em frequências mais agudas. Pode parecer confuso, mas mesmo com imagens complexas, como uma foto, basta um pouco de treino para permitir que cegos enxerguem usando o método.

Agora essa tecnologia está a um passo de se popularizar, tendo se tornado disponível em dois aplicativos gratuitos para iPhone e Android. Neste vídeo: <<http://media.aaas-science.org/services/player/bcpid618572355001?bckey=AQ~~,AAAADFlxp~,,loqkjB2yVJwXpvZvSdjalz1oUpEUGCue&bctid=3302835810001>> dá para ver o sistema em funcionamento.

O sistema tem sido desenvolvido há vários anos e é um grande avanço para possibilitar que cegos percebam melhor o ambiente. Em 2007, um grupo de cientistas na Universidade Hebraica de Jerusalém usou o vOICe para treinar deficientes visuais a "enxergarem" cenas complexas da vida real através de sons, como rostos e cenários, usando uma câmera acoplada em um capacete na cabeça dessas pessoas e fones de ouvido. Depois 70 horas de treino, os deficientes foram capazes de se locomover pelos cenários apenas se guiando pelos sons e reconhe-

cer as posições do corpo de outras pessoas a sua frente.

Ao escanear o cérebro dos pacientes, os cientistas fizeram uma descoberta ainda mais revolucionária. O modelo geralmente aceito diz que o cérebro tem regiões dedicadas a controlar o funcionamento de cada sentido, mas que se aquelas regiões não estivessem sendo usadas, por exemplo, o córtex visual de alguém cego de nascença, aquela região seria reaproveitada pelo cérebro para melhorar a audição desse deficiente visual.

Só que as imagens cerebrais nesse estudo mostraram que a área que se acendeu nos cérebro dos participantes cegos quando eles identificavam silhuetas usando o som é a mesma que é ativada no cérebro de quem enxerga perfeitamente ao reconhecer silhuetas. Basicamente, ainda que os participantes do experimento estivessem apenas escutando sons, seus cérebros eram ativados na região responsável por processar estímulos visuais, e não os sonoros.

<http://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2014/03/aplicativo-possibilita-que-cegos-enxerguem-atraves-de-sons.html>

<acesso em 27/08/2015 as 15:29>



CIENTISTAS APRESENTAM PROJETO DE CHIP PARA MELHORAR O RENDIMENTO INTELECTUAL

Um chip pode melhorar o seu cérebro?

A estimulação cerebral com eletrodos aplicada sem dor pode ser uma prática habitual em dez anos para melhorar o rendimento intelectual. A implantação de chips no cérebro permitirá que deficientes escrevam com a mente e se curem de algumas doenças neurológicas.

Esses são alguns dos avanços nos quais trabalham os neurocientistas que expuseram essas novidades na apresentação do evento sobre estimulação cerebral B•Debate, realizado na cidade espanhola de Barcelona.

Segundo os especialistas, a estimulação cerebral sem dor através de eletrodos poderá melhorar o rendimento mental das pessoas, assim como o café ou outras bebidas energéticas. Os estímulos poderão vir, inclusive, em padrões personalizados para a necessidade de cada um.

Entre os avanços próximos para pacientes com paralisias estão “poder escrever mensagens de texto e controlar outros dispositivos com o implante de um chip no cérebro”, explicou a neurocientista Mavi Sánchez Vives.

Além disso, os chips “poderão registrar a atividade cerebral, analisá-la em linha e escrever pensamentos e até mesmo navegar ‘online’”.

De acordo com Sánchez, a neuroestimulação elétrica de determinadas regiões do cérebro já mostrou benefícios ao tratar os sintomas de uma depres-

são, bloquear os ataques de uma epilepsia, induzir a recuperação de um acidente vascular cerebral e controlar os tremores do Parkinson.

Ao longo dos próximos dez anos também haverá o avanço das próteses sensoriais e visuais, que gerarão estímulos na crosta cerebral e poderão proporcionar informação visual a cegos.

A cientista se mostrou a favor do uso de aplicativos móveis para controlar atividades cerebrais como o sonho, mas alertou que “é preciso ir com cuidado em relação às estimulações no cérebro, já que não se sabem os efeitos a médio e longo prazo”.

Na opinião de Sánchez, a vida dos pacientes com paralisias ou doenças que não lhes permitem se comunicar com o exterior “pode melhorar muito ao longo destes anos”.

A especialista diferenciou dois tipos de tecnologia aplicáveis: a não invasiva, que pode ser utilizada para uso lúdico, já que não envolve afetação ao cérebro; e a invasiva, que requer neurocirurgia e “só é justificada no caso de pacientes”

<http://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2015/04/cientistas-apresentam-projeto-de-chip-para-melhorar-o-rendimento-intelectual.html>

<acesso em 27/08/2015, as 15:31>

CONHECENDO O IBC

Departamento Técnico Especializado (DTE), atualmente dirigido por Ana Luisa Mello de Araújo é constituído de quatro divisões, cada qual com suas estruturas e atribuições bem definidas:

Divisão de Capacitação e Recursos Humanos (DCRH);
Divisão de Imprensa Braille (DIB);
Divisão de Pesquisa Documentação e Informação (DDI);
Divisão de Pesquisa e Produção de Material Especializado (DPME);

Ao Departamento Técnico Especializado compete planejar, coordenar, orientar e supervisionar a execução das atividades técnicas de pesquisa, de produção de material especializado, de documentação e de informação, de capacitação de recursos humanos, e, especificamente:

I - promover a divulgação de experiências e conhecimentos técnico-pedagógicos na área da deficiência visual, visando subsidiar o desenvolvimento de tecnologias nesse campo;

II - promover e propor o desenvolvimento e produção de material didático-pedagógico, do processo ensino-aprendizagem dos educandos deficientes visuais, nos diversos níveis de ensino, em escolas especiais ou escolas comuns;

III - manter acervo para subsidiar estudos e pesquisas na área da educação e da integração das pessoas cegas e de baixa visão;

IV - manter intercâmbio nacional e internacional com instituições congêneres ou não, objetivando acompanhar o desenvolvimento de tecnologias no campo da deficiência visual;

V - desenvolver pesquisas, métodos e técnicas inovadoras na área da deficiência visual;

VI - orientar as instituições dos diferentes sistemas de ensino quanto à adaptação e recuperação de instalações, bem como o uso de material didático e equipamentos para o atendimento educacional e de reabilitação das pessoas cegas e de baixa visão, em articulação com a Secretaria de Educação Especial;

VII - planejar, supervisionar e avaliar estágios e cursos de especialização, aperfeiçoamento e atualização para docentes e pessoal que desempenhe ou venha a desempenhar atividades em educação especial, na área de deficiência visual, em entidades ou nos sistemas de ensino;

VIII - articular-se com as instituições de ensino médio, superior e outras, com vistas à formação de recursos humanos na área da deficiência visual;

IX - participar da promoção de estudos e de pesquisas para o desenvolvimento de métodos e técnicas inovadoras no atendimento das pessoas cegas e de baixa visão;

X - participar de articulação com instituições educacionais públicas ou privadas, visando à expansão de atividades técnico-educacionais;

XI - promover a integração entre as diversas unidades desse departamento.

Entre em contato com a DTE pelo telefone (21) 3478-4461 ou (21) 3478-4462.

Se preferir, envie e-mail para dte@ibc.gov.br.

Fonte: <http://www.ibc.gov.br/?catid=129&blogid=1&itemid=76>

DIVULGANDO

Nos dias 14, 15 e 16 de outubro de 2015, o Instituto Benjamin Constant realizará o “I Simpósio Nacional de Tecnologias Assistivas” (I SiNTA – IBC), com a temática Deficiência Visual. O evento será aberto ao público e possui inscrições gratuitas. O I SiNTA – IBC tem o objetivo de refletir, socializar e debater as tecnologias assistivas em diferentes áreas do conhecimento, como: Educação Especial, Saúde, Trabalho, Acessibilidade à Informação e ao Lazer, bem como suas implicações para as pessoas com deficiência visual e surdo cegueira. A integração entre pesquisadores, usuários, empresas e demais participantes possibilitará a troca de conhecimento entre todos. O evento consistirá em palestras, mesas-redondas, comunicações orais e oficinas, em que serão discutidas as aplicações das tecnologias assistivas nas temáticas “TA em Softwares”, “TA em Educação” e “TA em Reabilitação, Lazer e Encaminhamento ao Mercado de Trabalho”, em prol da inclusão das pessoas com deficiência visual na sociedade. Mais informações em www.simposiota.ibc.gov.br.



No dia 9 de dezembro de 2015, o Instituto Benjamin Constant realizará a segunda edição do “Seminário Conectando Conhecimentos”, com a temática “O esporte como fator de inclusão para pessoas cegas, com baixa visão e surdocegas”. Com edição semestral, as palestras assumem o modelo de mesa redonda com a participação de dois convidados, além de alunos de graduação e pós-graduação que apresentarão suas pesquisas, através de comunicação oral. O objetivo desse evento é criar uma maior interação e compartilhamento de conhecimentos e experiências, um espaço de diálogo entre palestrantes, alunos de graduação, pós-graduação e o público interessado nas questões relacionadas com a deficiência visual em suas múltiplas perspectivas. Ao final de um ciclo, os trabalhos apresentados serão compilados em livro. O evento será aberto ao público e possui inscrições gratuitas (<https://goo.gl/zDrWUj>). Mais informações em www.ibc.gov.br ou conectandoconhecimentos@gmail.com.

ESPAÇO DO LEITOR

Caro leitor, contamos com a sua participação. Colabore enviando suas sugestões para o nosso e-mail: boletimcesibc@gmail.com.

EXPEDIENTE

Direção Geral do Instituto Benjamin Constant
João Ricardo Melo Figueiredo

Gabinete do Instituto Benjamin Constant
Érica Deslandes Magno Oliveira

Departamento Técnico Especializado
Ana Lúcia Oliveira da Silva

Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação
Naiara Miranda Rust

Centro de Estudos e Pesquisas
Edney Dantas de Oliveira
Fábio Garcia Bernardo
Maria Rita Campello
Naiara Miranda Rust
Rachel Maria C. M. de Moraes

Comissão Editorial
Edney Dantas de Oliveira
Flávia Ferreira Pascoalino
Isabel Cristina Ribeiro de Mello
Morgana Ribeiro dos Santos
Vitor Alberto da Silva Marques
Wagner Dias Santos

Diagramação
Felipe de Oliveira Martins Pereira

**Contatos
IBC - DDI**

Avenida Pasteur, nº 350,
Urca-RJ
Rio de Janeiro
CEP: 22290-240

tel. (21) 3478-4517

Email:
ddicentrodeestudo@ibc.gov.br

Tiragem
300 exemplares

Remetente:



Instituto Benjamin Constant

Avenida Pasteur, nº 350,
Urca-RJ
Rio de Janeiro
CEP: 22290-240

Destinatário:

